

Reflexões sobre identidades culturais, cidadania e processos midiáticos

Reflections on cultural identities, citizenship and media processes

Rodrigo Duarte Bueno de GODOI¹

Resumo

Neste artigo propõe-se uma reflexão sobre a noção de identidades culturais, cidadania e o seu imbricamento com processos midiáticos. A reflexão sobre estes conceitos tão universais abre caminhos para que a pesquisa pense, reflita e procure entender os sujeitos comunicantes em suas particularidades e contextos. Neste sentido, o trabalho realiza um sobrevoo conceitual buscando um diálogo entre os autores e questões reflexivas sobre diversos olhares imbricados nos conceitos de identidade, cultura e cidadania.

Palavras-chave: Identidades. Culturas. Cidadania. Mídias.

Abstract

In this article we propose a reflection on the notion of cultural identities, citizenship and their intermingling with mediatic processes. Reflecting on such universal concepts opens the way for research to think, reflect and seek to understand communicating subjects in their particularities and contexts. In this sense, the work carries out a conceptual overfly seeking a dialogue between the authors and reflective questions about diverse glimpses imbricated in the concepts of identity, culture and citizenship.

Keywords: Identities. Cultures. Citizenship. Media.

Introdução

Pensemos assim: a pesquisa e o pesquisador andam de mãos dadas. A medida que um avança, o outro o fará também. Não há como em um processo de desenvolvimento de uma pesquisa o pesquisador, de alguma maneira, não se

¹ Mestrando em Ciências da Comunicação pela Unisinos. E-mail: rodrigodurt@gmail.com

transformar. E neste movimento de transformação passar a “se conhecer”, conhecer e reconhecer os outros nas suas diferenças, peculiaridades, contextos, visões e histórias. Parece um tanto quanto metafórico, mas ao refletir sobre os conceitos ao redor da palavra “identidade” e também “cidadão” chegamos a questões que se imbricam com cotidianidades da vida de todos sujeitos que vivem em sociedade. Cortina (2005), aborda sobre a questão de cidadania como um aprendizado que não acontece pela repetição (de leis, códigos, etc), “e sim chegando a ser mais profundamente nós mesmos”. (CORTINA, 2005, p. 30). Logo, ao se ver nestas questões discutidas, ao buscar entender a partir de grandes pensadores como a complexidade da vida social afeta a nossa existência diária, acabamos nos conhecendo profundamente, ou melhor, levantando questionamentos internos que antes dessas discussões não eram incentivados.

Transcender os pensamentos hegemônicos que buscam a padronização, é transformar o nosso próprio modo de ver o mundo. Neste sentido, Garcia Canclini (1998) afirma que existem alguns movimentos de transformações mas, que anterior a isso, existe uma série de processos que nos levam a pensar ou enxergar como dominantes e/ou dominados e, desta maneira, conclui-se que os “poderes” socialmente construídos são complexos e atravessam a nossa forma de dar sentido ao mundo sob diversas formas.

Diante deste emaranhado se faz necessário um esforço para a compreensão do imbricamento da forma como vemos o mundo e da forma como somos ensinados a ver o mundo, uma vez que, ao deslocar o olhar do senso comum, começamos a entender algumas das suas dinâmicas de funcionamento. Buscar esse “rompimento” sobre a homogeneização de pensamentos é algo que também é oferecido na visada de Hall (2003). Tendo como base o pensamento de que somos sujeitos em contínuo processo de formação, o autor coloca que existem dois processos acontecendo, concomitantemente, durante o fenômeno de globalização. O primeiro seria o processo de homogeneização cultural, sobretudo da cultura americana sobre as outras, e o segundo, apesar de não ter força de repelir o anterior, possui a capacidade de subverte-lo e transforma-lo. Sendo assim são interessantes as considerações do autor sobre estas duas faces do hibridismo, e em como ele pensa o atravessamento e as misturas culturais que podem se formar. Santos (2008), também traz um aporte que fomenta essa discussão. O autor defende

que, para compreender a complexidade das relações que se estabelecem no mundo é imprescindível ir além da compreensão ocidental. Para ele, a razão ocidental não é o único modo de compreender o mundo em sua complexidade. Compartilha-se neste texto do posicionamento do autor ao defender que são cada vez mais necessárias alternativas que possam fomentar relações não subordinadas ao que o autor chama de “globalização hegemônica”. Um outro aspecto extremamente importante é o perigo denominado como “fascismo social”, que é segundo o autor: “una serie de procesos sociales mediante los cuales grandes segmentos de la población son expulsados o mantenidos irreversiblemente fuera de cualquier tipo de contrato social” (SANTOS, 2008, p. 192). Esse regime, que coexiste com o estado democrático, exclui/rejeita aqueles que não se adequam as imposições homogeneizantes dos contratos sociais entre as pessoas. Desta maneira, destaca-se aqui a importância do movimento tentativo de reconhecer e fomentar as potências contra hegemônicas, que busquem romper com estas narrativas tão bem amarradas no cotidiano das pessoas. Reconhecer o outro, para além de suas diferenças, é o primeiro passo para evitar um apagamento/negação de outras formas de conhecimento, modos de viver e de dar sentido ao mundo.

Há que se observar a importância da academia como potencializadora de transformações sociais, especialmente, quando se olha para questões que pensam sobre a forma de ser e atuar a partir das lutas de indivíduos que fazem parte de minorias que vivem à margem da sociedade. Nesta construção de visada, Maldonado (2011) oferece o conceito de cidadania científica, apontando para o fato de que pensar sobre o que é ser cidadão dentro do campo científico é essencial. O autor defende que a cidadania científica, através de seu intuito de pesquisar, deveria ser concebida por possibilidade de construção de novos formatos, o que é contrário ao que ele mesmo constata: “É paradoxal constatar que as comunidades científicas sejam mais herméticas, autoritárias, patriarcais e anacrônicas, na dimensão cidadã, que outras áreas sociais.” (MALDONADO, 2011, p. 7).

Identities e sujeitos comunicantes

Maldonado (2014) compreende que no campo científico é necessária uma preocupação com os sujeitos comunicantes. É necessário entender a importância de que

existências são atravessadas por estas significações e modos de produção, e portanto, no âmbito acadêmico valoriza-los e entender que não são caracterizado por fundamentos de significação automáticos e definitivo

Os sujeitos/cidadãos em processos de receptividade comunicativa contemporâneos experimentam modos e formas de inter-relação sociocultural simbólica que combinam mídias, culturas, realidades, sensibilidades e subjetividades de maneira intensa, contínua e desestabilizadora para gerar comunicações múltiplas. Noções, conceitos, ideias, categorias, estratégias e projetos de pesquisa precisam considerar essas mudanças para dar conta da multiplicidade, da diversidade e da complexidade comunicativa atual. (MALDONADO, 2014, p. 5)

Faz-se necessário pensar sobre o contexto contemporâneo em que estes sujeitos comunicantes estão inseridos, e é fundamental a partir disso, entender como eles produzem sentido, uma vez que a forma de produzir e atribuir sentido ao mundo acontece de formas variadas, e, portanto, podem contrariar ou reforçar as lógicas hegemônicas que existem. É a partir da visão do contexto que esses pluralismos podem ser entendidos.

Levando em consideração o contexto exposto acima, é caro refletir também sobre os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária, revisitados por Peruzzo (2008). Segundo a autora, estas formas de comunicação são respostas de lutas sociais que reivindicavam por melhores conjunturas para se viver. “É um instrumento político das classes subalternas para externar sua concepção de mundo, seu anseio e compromisso na construção de uma sociedade igualitária e socialmente justa.” (PERUZZO, Cicília, 2008, p. 370). É importante pensar, a partir do exposto, como a comunicação alternativa pode ser uma ferramenta que ajude a constituir uma perspectiva de comunicação cidadã, preocupada com os contextos onde os sujeitos comunicantes estão inseridos e também com as identidades que se criam perante as relações de troca entre estes sujeitos.

Neste sentido, Peruzzo (2016), traz uma riqueza de apontamentos em suas observações de uma comunidade emergente de conhecimento local “La Otra Mina de Charcas”, situada em San Luis Potosi, México. Essa comunidade formada principalmente por jovens, tem como objetivo a transformação social, assim como descreve a autora: “A La Otra Mina de Charcas se esforça para emergir

democraticamente como um coletivo inteligente que auto se organiza para contribuir para a transformação social.” (PERUZZO, 2016, p. 16). Em seu trabalho, fica evidente o quanto a atividade cidadã, também é possibilitada pelo campo científico, uma vez que essa comunidade, em específico, identificou a necessidade de se ter um compartilhamento de saberes, e através dele ter um esforço coletivo para transformação social daquela região.

Um exemplo dos feitos desse coletivo que, para além de si mesmo, conseguiu - de certa maneira - incentivar os produtores locais através de vínculos que se estabeleceram pelos membros do próprio coletivo. Uma das iniciativas, é referente a Cooperativa de leite de Cabras de Tinajuelas, destinada para a produção de queijos. Peruzzo (2016), relata que a parceria estabelecida entre os membros do coletivo criou circunstâncias para desenvolvimento de conhecimento que auxiliassem a comunidade local. Desta maneira, colaborou para a melhoria na produção do queijo e consequentemente na própria cooperativa em si. O coletivo atuava de forma a considerar e respeitar outros saberes, próprios da localidade e das pessoas que vivem ali. Percebe-se que se buscava a complementaridade de conhecimentos, e por consequência, o seu compartilhamento, e isso fica claro também em outras iniciativas descritas pelas observações de Peruzzo (2016).

Neste sentido, Kaplún (2015) traz uma visada interessante sobre os debates acerca das leis de Serviços de Comunicação Audiovisual no Uruguai. O autor destaca a importância que esta ferramenta comunicacional tem culturalmente e socialmente. Pensando em uma forma de democratização, o comitê buscou discutir sobre algumas questões para constituir acordos sobre os meios audiovisuais. Essas ações cidadãs no campo comunicacional ficam evidentes pois, o comitê buscou estabelecer normas que estimulassem o setor produtivo nacional, garantindo a sua difusão em rádio e televisão através de espaços destinados a isso. É importante observar essa preocupação de democratização dos meios audiovisuais, uma vez que entende-se como a sociedade se organiza também devido ao que (e como) esses meios veiculam. Entende-se que há aí uma preocupação cidadã com o acesso e produção local em detrimento de uma massividade de produtos que não são originários daquele país.

Refletindo sobre a produção de pesquisa do campo, mais enfática no entendimento de apropriações midiáticas, Bonin (2016) destaca algumas questões que

são relacionadas a proposições teóricas nas pesquisas. Relativa a apropriações midiáticas, Bonin (2016), destaca o processo de midiaticização da sociedade. Segundo a autora, esse processo está ligado a crescimento, introdução e funcionamento do campo das mídias na vida social.

Levar em conta a problemática da midiaticização implica pensar o caráter configurador que assume o *ecossistema midiático* no funcionamento dos campos e instituições sociais; nas orientações espaço-temporais das sociedades; na constituição de modos de vida, culturas, experiências e interações, entre outros âmbitos. A pesquisa empírica é desafiada a entender como opera a midiaticização nas mais diversas instâncias, as particulares configurações que assumem os processos de apropriação midiática nesse contexto, as transformações socioculturais provocadas por este fenômeno. (BONIN, 2016, p. 215)

Desta maneira, entende-se a importância de se levar em consideração o contexto em que essas processualidades estão imersas. Ao olhar para os sujeitos, se faz pertinente observar o ambiente em que eles estão inseridos, e em como as lógicas nesse ambiente refletem nos seus comportamentos, modos de atribuição de sentidos e nas próprias inter-relações. Isso fica evidente quando a autora comenta sobre orientações metodológicas: “Uma das orientações metodológicas que, para nós, é crucial, na busca por entender essas apropriações, é o não isolamento dos múltiplos contextos que colaboram para a sua compreensão” (BONIN, Jiani, 2016, p. 219). Este exercício metodológico de olhar para o ambiente, requer empenho e dedicação do pesquisador, uma vez que é através da percepção dos rastros percebidos nos contextos midiáticos e comunicacionais, que poderá se construir uma visada que contemple de maneira mais ampla e diversa os processos de construção de identidades e culturas.

Também tendo um olhar sobre as apropriações de produtos midiáticos, Castells (2013) reflete sobre alguns movimentos sociais que se apropriaram principalmente dos meios digitais para que conseguissem atingir uma visibilidade e engajamento numérico maior. É interessante observar como o autor reflete as apropriações das redes digitais a partir do seu uso em mobilizações distintas, e em como o capitalismo mundial esteve envolvido de alguma maneira. Mas para além disso, evidencia-se também como alguns poderes hegemônicos estão imbricados com este poder capitalista, e portanto, também tornaram-se alvo dos movimentos sociais. Castells (2013), lança uma pergunta bastante direta quando indaga: “Qual seria o fio comum que unia, na mente das pessoas, suas

experiências de revolta, a despeito de contextos amplamente diversos em termos culturais, econômicos e institucionais?” (CASTELLS, 2013, p. 19). Um pouco adiante, ele traz a resposta: “Em resumo, era a sensação de empoderamento. Ela nasceu do desprezo por seus governos e pela classe política, fossem eles ditatoriais ou, em sua visão, pseudodemocráticos.” (CASTELLS, 2013, p. 19). Nestes momentos em específicos fica claro o quão o desprezo e descontentamento com as classes políticas uniu grandes grupos de pessoas, e portanto, mobilizou-as. Sendo assim, permite-se refletir sobre a possibilidade de se estabelecer relações e produção de sentidos através da internet, e nestes caso, estes contextos de indignação e revolta. A construção destas redes de compartilhamento de revoltas abre caminhos para processos de comunicação que acontecem de certa forma socializados, onde todos neste ambiente podem expor as suas insatisfações.

Pensando também sobre os afetamentos que a tecnologia digital traz para o capitalismo, Moglen (2012), discorre sobre a possibilidade de se diluir antigas barreiras que impõem desigualdades sociais, e também, de distanciamento físico, que por vezes impossibilitam o acesso a determinados conteúdos. Isso fica evidente quando o autor pensa sobre a dissolução de algumas barreiras sociais pela possibilidade de troca que a internet oferece:

En vez de la vieja exclusión y autosuficiencia local y nacional, ahora tenemos intercambios en todas las direcciones, y la interdependencia universal de las personas. De igual manera que con la material, sucede también en la producción intelectual. Las creaciones intelectuales de individuos se convierten en propiedad común². (MOGLEN, 2012, p. 4).

Ou seja, entende-se que a partir de uma ascensão das tecnologias digitais o cenário de acesso a diversos produtos muda, uma vez que as pessoas passam a ter acesso, mesmo que ainda existam barreiras de distâncias físicas, por exemplo. Evidencia-se a problemática de como a ascensão da tecnologia transforma e/ou revoluciona o acesso a determinados produtos/símbolos.

² (Tradução livre) Em vez da antiga exclusão e da auto-suficiência local e nacional, agora temos trocas em todas as direções e a interdependência universal das pessoas. Tal como acontece com o material, isso também acontece na produção intelectual. As criações intelectuais dos indivíduos tornam-se propriedade comum.

Também pensando sobre as apropriações midiáticas, Certeau (1994), destaca a pertinência de repensarmos as formas como os consumidores foram vistos durante muito tempo. Para ele, os instrumentos e/ou lógicas homogeneizadoras dos poderes hegemônicos, de certa forma não acabam com todas as manifestações de algum tipo de resistência. Esse posicionamento fica claro quando discorrendo sobre a ideia de consumo de arte pela grande massa da sociedade, critica essa ideia de passividade: “As massas só restaria a liberdade de pastar a ração de simulacros que o sistema distribui a cada um/a. Eis precisamente a ideia contra a qual me levanto: não se pode admitir tal representação dos consumidores.” (CERTEAU, 1994, p. 260). Compreende-se que há aí uma desconstrução da “verticalidade” de relações-consumo, e que também as significações/sentidos criados pelos consumidores em algum grau podem contestar as lógicas que as grandes massas são submetidas.

Ao revisitar essa concepção de Certeau (1994), mas olhando pelo viés atual que as mídias digitais tornam possível, são necessárias algumas problematizações. Anterior aos processos de digitalização, Certeau (1994) já se posicionava de tal modo a questionar a inércia dos consumidores. Atualmente, esse quadro se reconfigurou de maneira a trazer a possibilidade de produção para a grande massa da sociedade, através da internet. Apesar de estarem inscritos em plataformas/ambientes que impõem algum tipo de regimento (através de aspectos técnicos, como por exemplo os próprios algoritmos), os denominados “atores sociais” têm o poder de compor um novo arranjo de produção. Neste sentido, Marchezan (2017), traz um olhar sobre o webjornalismo, pensando principalmente como a prática jornalística também se altera a partir dessas possibilidades ofertadas pela web. Marchezan (2017) destaca que: “Com as potencialidades da narrativa multimídia podemos nos deparar com um cenário em que novos formatos narrativos possam surgir, dando ao usuário mais recursos para ter interesse em conhecer uma história por meio de uma plataforma digital.” (MARCHEZAN, 2017, p. 180). É interessante aqui, observar como essa transposição de visadas também vai se reformulando conforme novas possibilidades técnicas foram ganhando ascensão na sociedade. Observar essa reconfiguração dos processos é extremamente pertinente para se pensar sobre as práticas dos sujeitos comunicantes e em como essas apropriações podem ser vistas como desvios e/ou formas de resistência.

É interessante perceber no campo acadêmico como a observação dessas apropriações trazem a possibilidade de entendimento e visualização de como os sujeitos estão se colocando, apropriando e persistindo através destas novas possibilidades. Um viés para se observar isto, é através do trabalho de observação sobre as “Disputas de Representação do Corpo Indígena no Twitter” de Bonin *et al* (2018) e também da participação da pesquisadora em uma aula na cadeira de Mídias, Identidades Culturais e Cidadania no PPGCC da Unisinos. Bonin *et al* (2018) analisam sobre os modos que acontecem as disputas sobre as representações que se tem do corpo indígena, e como acontece o imbricamento de todas as construções em um único ambiente, o *twitter*. Muito embora seja um assunto permeado por uma complexa gama de questões mais abrangentes, essa análise apresenta a possibilidade de olhar para essas novas configurações e enxergar como ali acontecem embates e disputas a cerca do que seria o corpo indígena para cada ator social. Neste sentido, evidencia-se a possibilidade de produção que cada um tem, e portanto, de expressão. Neste caso, em sua maioria não são expressões/disputas que tragam riqueza para o debate acerca das questões indígenas na atualidade, mas acabam por reforçar conceitos que foram construídos e são diariamente entregues por poderes hegemônicos.

Ao examinarmos as postagens feitas por internautas no Twitter, chama a atenção, de imediato, o predomínio de imagens que reforçam a identidade genérica de índio, através de signos como o corpo seminú, pinturas corporais, arco, flecha, lança, cocar, sendo que esses signos foram mobilizados pelos próprios índios – os quais, nesse contexto, são o referente (ou objeto de referência) das imagens fotográficas. (BONIN *et al*, 2018, p. 228)

Desta maneira, percebe-se que essa possibilidade de resistência não está diretamente ligada à sua existência propriamente dita. Os autores destacam como esses signos reforçam ou contestam as ideias preconcebidas a partir do que os próprios atores constroem como discurso na plataforma. Nesta mesma temática de discussão, Thomas e Bonin (2018) analisam a representação da arte indígena a partir de dois livros didáticos de ensino médio no Brasil. Neste caso, percebeu-se como o currículo escolar atende um modelo eurocêntrico de ensino e de reprodução do conhecimento. Conforme salientam Thomas e Bonin (2018): “Nos livros didáticos de arte analisados, uma perspectiva eurocêntrica continua a posicionar a Europa como centro da narrativa sobre arte, e esta

forma de pensar colabora para definir o lugar da arte indígena como uma ‘arte outra’.” (THOMAS E BONIN, 2018, p. 17). Entende-se que conseqüentemente, a arte feita por sujeitos e/ou coletivos indígenas não é reconhecida em sua plenitude, e portanto, invisibilizada. A não adequação no conceito eurocêntrico de arte, implica diretamente na maneira como a arte indígena é tratada pelos livros didáticos, sendo muitas vezes trazida de modo folclórico ou então apagando a sua importância. Neste caso analisado, entende-se que existe uma estreita relação entre a manutenção da representação dos sujeitos indígenas e o campo escolar, atravessado pela mídia (que neste caso são os livros didáticos). Thomas e Bonin (2018), reforçam que existe uma necessidade de mudar as visões de mundo, neste caso mais especificamente sobre as questões indígenas: “A análise de artefatos escolares como os livros didáticos é parte de um esforço feito para colocar em movimento visões estanques e para imprimir dinamismo as representações, permitindo que alguns referentes sejam problematizados.” (THOMAS E BONIN, 2018, p. 21). Neste contexto, repensar o que os dispositivos escolares oferecem para os jovens é fundamental para entender como esses livros didáticos operam na construção da imagem dos sujeitos indígenas.

Considerações finais

Resultando deste sobrevoo conceitual atentemo-nos a observar e tentar inferir, na medida do possível, a compreensão do mundo e suas complexidades. Entende-se aqui a noção de identidades culturais como um constructo resultante de maneiras de se pensar/questionar o mundo, e, portanto, um latente conceito para auxiliar no entendimento das conseqüências e complexidades de uma cultura universalista e sua sobreposição em outras formas de ver o mundo.

Indo além, a noção de identidades culturais pensada sobre o âmbito dos processos midiáticos, oferece um aporte para investigação e um possível entendimento dos movimentos de transformações culturais acelerados e, portanto, os seus movimentos de reorganização e mutabilidade. Destaca-se a emergência de entendimento sobre a incidência da tecnologia como parte da nossa realidade, e assim, a pertinência do entendimento das suas incidências.

Garcia Canclini (1998) acentua que refletir sobre conceitos de forma binária/excludente não são formas interessantes para olhar para o mundo e suas complexidades. As transformações que ocorrem de forma hibridizada são complexas, e portanto, possuem muito mais do que dois lados de uma mesma moeda.

Hall (2003) reflete sobre como entendimento dos processos culturais está atrelado ao olhar para história destas culturais, uma vez que é a partir deste movimento que elementos, contextos e particularidades poderão emergir, tendo assim, uma significativa importância. Olhar para os atravessamentos da história e os processos contemporâneos permite observar o âmago destes emaranhados, conseguindo assim enxergar as afetações de lugares, tempos e espaços nas identidades dos sujeitos. A conjuntura destas múltiplas referências oferece ao pesquisador aportes para desenvolvimento de conhecimento e descobertas.

Maldonado (2011) aponta sobre o desafio de ser, pensar e agir de um cidadão científico. A realidade acadêmica de certa forma se apresenta ainda distante desta conjuntura de cidadania científica, porém, aponta-se sobre como esse conceito abrange várias fatias do viver em sociedade. Em termos gerais, a ciência positivista em certa medida impõe adversidades epistemológicas para pensar sobre as cosmovisões de mundo que compõem os sujeitos comunicantes.

Cortina (2005) oferece um entrelaçamento entre a noção de identidade e o âmbito científico. Como vincular estas problemáticas com o fazer científico? Apesar de não se ter uma resposta didática, a autora oferece alguns caminhos para se pensar algumas questões ligadas aos “cidadãos do mundo”. Antes de tudo, atentemo-nos a ideia de que para se cidadão um documento não basta. É necessário sentir-se pertencente. E a partir disso, compreende-se que a conexão e/ou globalização oferecem possibilidades de comunidades/grupos/indivíduos desterritorializados sentirem-se pertencentes. E a partir disso o próprio fazer científico se transforma, uma vez que há a necessidade da própria produção de conhecimento se torne, e seja vista, como um bem da humanidade, e a isso é atrelada a ideia de cidadania científica cosmopolita.

Santos (2008) traz inquietações extremamente pertinentes para pensar sobre cidadania. Entender em que medida a comunicação midiática pode servir como uma alavanca potencializadora de lutas contra hegemônicas, nos leva a tentar perceber aonde estão e quais são as nuances destas potências, e como elas podem emergir a partir da

construção de uma sociedade mais cidadã. A noção de fascismo social apontada pelo autor escancara os apagamentos tentativos de outras maneiras de se viver, simplesmente por não estarem de acordo com concepções de vida (normalmente norte-americanas-heterossexuais-brancas), além da negação/refutação de outros tipos de saberes.

Certeau (1994) oferece uma visada que observa as apropriações que os sujeitos comunicantes fazem. As impressões de suas marcas sobre realidades, lugares, produtos e ou práticas. Para além disso, chama a atenção de que apesar de existir um predomínio de algumas lógicas hegemônicas existem formas outras que, em alguma medida, resistem e questionam essas formas que buscam uma “dominação”. O autor pensa que os sujeitos podem construir um sentido que não era o proposto pela indústria (televisiva, por exemplo), tendo assim uma diferença/desvio/subversão nas formas de uso e assimilação.

O estranhamento a conceitos binários pré-concebidos sobre o que é certo/errado, bom/mal vai de encontro com a relativização destes, e assim, um possível entendimento das consequências, ou aquilo que fica por “trás” do conjunto de conceitos que sustentam de alguma forma a cultura que se sobressai e conseqüentemente a sua visão de mundo. Duvidar, questionar, estranhar é extremamente necessário para a compreensão das dicotomias da visão de mundo ocidental. Neste sentido, Bonin *et al* (2018); Thomas e Bonin (2018) nos alertam que a tematização da invisibilização, e mais, a própria exclusão dos sujeitos indígenas no contexto brasileiro, nos permite realizar um exercício de olhar para a história, para os contextos, sujeitos e tentar entender como se dão essas representações, e assim olhar para os modos de ver e posicionar os sujeitos.

Expandir a visão sobre o mundo é também ter noção de que o olhar sobre ele só é feito a partir de uma “lente cultural”. Compreender que existem possibilidades outras de criar sentido sobre o mundo é uma forma de expansão dessas lentes e, portanto, uma possibilidade de ver outros significados e não somente aqueles que fomos ensinados a enxergar.

Muito do que se descreveu neste texto através de conceitos, permeia diariamente as nossas vidas. Exercitar o estranhamento com conceitos pré-concebidos é fundamental para crescimento seja como pesquisador, cidadão e ser-humano.

Referências

BONIN, Jiani. Questões metodológicas na construção de pesquisas sobre apropriações midiáticas. In: Cláudia Peixoto de Moura; maia Immacolata V. de Lopes. (Org.). **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

BONIN, Iara Tatiana et al. Disputas pela Representação do Corpo Indígena no Twitter. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, v. 8, n. 2, 2018.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1**. Artes de fazer. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

CORTINA, Adela. **Cidadãos do mundo: para uma teoria da cidadania**. São Paulo: Loyola, 2005.

ESDRAS, Marchezan. **Imersão e agência no Webjornalismo: Estratégias narrativas para a produção da grande reportagem multimídia (GRM)**. Disponível em: <http://www.bibliotekevirtual.org/index.php/2013-02-07-03-02-35/livro/2017-livros/978-85-67818-68-1/20717-imersao-e-agencia-no-webjornalismo-estrategias-narrativas-para-a-producao-da-grande-reportagem-multimidia-grm.html>. Acesso em 15/07/2018.

GARCIA, CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. 2. Ed. São Paulo: EDUSP, 1998.

HALL, Stuart. Pensando a Diáspora: reflexões sobre a Terra no exterior. In: _____. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo horizonte: Editora UFMG. Brasília: UNESCO, 2003.

KAPLÚN, Gabriel. Nota sobre la Ley de Servicios de Comunicación Audiovisual de Uruguay. **Revista EPTIC**, v. 17, n. 2, p. 183-187, maio-agosto 2015.

MOGLEN, Eben. **El manifesto puntoComunista**. In: LAGO, Silvia (Comp.). **Ciberespacio y resistências: exploración em la cultura digital**. Bueno Aires: Hekht Libros, 2012.

MALDONADO, Alberto Efendy. A construção da cidadania científica como premissa de transformação sociocultural na contemporaneidade. **Compós, Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, v. 20, 2011.

MALDONADO, Efendy. Perspectivas transmetodológicas na pesquisa de sujeitos comunicantes em processos de receptividade comunicativa. *In: _____* (Org.). **Panorâmica da investigação em comunicação no Brasil**. Salamanca Espanha: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2014, v. 1.

PERUZZO, Cicília. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados. Reelaboraões no setor. **Revista Palavra Clave**, v. 11, n.2, p. 367-379, dez. 2008.

PERUZZO, Cicília. Para entender la cibercultur@ Em la práctica. Reflexiones partiendo de investigación em la Comunidad Emergente de Conocimiento Local. La otra Mina de Charcas SLP-México. **Revista Observatorio**, v. 2, n. 2, p. 144-175, out. 2016. Disponível em: <
<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/2428/9030>>
Acesso em 05/07/2018.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

THOMAS, Mariana Schnorr, BONIN, Iara Tatiana. **O que ensinam livros didáticos de Artes do Ensino Médio sobre arte dos povos indígenas**. Artigo de circulação interna PPGCC Unisinos. 24 p.